

# A hermenêutica-ontológica heideggeriana<sup>1</sup>

---

Rogério Tabet de Almeida<sup>2</sup>

## Resumo

Em sua obra *Ser e tempo*, Heidegger tem como principal objetivo fazer uma apresentação sobre a questão do *ser*, investigando seu sentido, procurando através da ontologia diferenciar *ser* e *ente*, e demonstrar o tempo como horizonte de compreensão do *ser*. Nesse sentido, o presente artigo propõe discutir a respeito do *ser* e do *Dasein*. O trabalho visa ainda a um esclarecimento no que diz respeito ao *Dasein* como *ente* (*ser-no-mundo*), o *Dasein* como *ser* para a morte (*poder-ser*) e, conseqüentemente, a questão da temporalidade.

**Palavras-chave:** Heidegger. Hermenêutica. Ser. Fenomenologia. *Dasein*.

## Abstract

In his book *Being and Time* Heidegger's main objective is to make a presentation on the question of Being, investigating its meaning, looking through the Being and Being differentiate ontology, and demonstrate how the time horizon of understanding of Being that sense, this article aims to discuss about the Being and *Dasein*. The work also aims at a clarification with regard to *Dasein* as Being (being in the world); *Dasein* as Being towards death (one can be) and, consequently, the question of temporality.

**Keywords:** Heidegger. Hermeneutics. Being. Phenomenology. *Dasein*.

## Introdução

Segundo Heidegger: “A pre-sença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de *ser* ou não ser ela mesma”.<sup>3</sup> Daí, a compreensão de possibilidade do *ser*, a pre-sença (*Dasein*), um *ser* lançado no mundo que tem o caráter de ser em possibilidade. A analítica existencial vai desvelar a estrutura fundamental do *Dasein* como ser-no-mundo.

“O conhecer é um modo da pre-sença fundado no ser-no-mundo. Ademais, o que se constitui essencialmente pelo ser-no-mundo é sempre em si mesmo o ‘pre’ de sua pre-sença. A expressão ‘pre’ é uma abertura essencial, ou seja, uma claridade. A presença sempre traz consigo o seu pre.”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado para a aferição na disciplina Teoria do Direito II, ministrada pelo Prof. Cleyson de Moraes Mello – Mestrado em Direito da UNIPAC – 2011.

<sup>2</sup> Aluno do Mestrado em Direito – Hermenêutica e Direitos Fundamentais – UNIPAC – Contato: rogeriotabet@hotmail.com

<sup>3</sup> HEIDEGGER, 1996, p. 39

<sup>4</sup> MELLO, 2006, p. 3

Torna-se claro, com a filosofia heideggeriana, que nem o *ente* fundamenta o *ser*, nem o mesmo fundamenta o *Ente*, há uma reciprocidade na relação de um com o outro por intermédio do *Dasein*, porque este compreende o *ser*. O *ser* torna-se o meio para que se possa chegar ao *ente* e, este sendo sua condição de possibilidade, é no *ente* que o *ser* se desvela (Aletheía).<sup>5</sup> Como essa compreensão é obtida unicamente pelo *Dasein*, pelo homem essa “compreensão” se dá através do círculo hermenêutico, isto é, o *ser* torna-se um conceito operatório pela compreensão.

“O modo como Heidegger situa a questão do *ser*, a partir da compreensão do *ser*, e desde a temporalidade do *Dasein*, nos dá um novo modelo de fundação referido à circularidade hermenêutica e à diferença, sendo este o modelo da finitude. A fenomenologia hermenêutica já estabelece, no início da analítica existencial, o espaço da finitude como único campo para a filosofia, quando introduz a questão do *ser* a partir da compreensão do *ser*. Dessa posição inicial nasce a ontologia fundamental com seus dois teoremas, os teoremas da finitude: círculo hermenêutico e diferença ontológica.”<sup>6</sup>

## *Dasein* e temporalidade – a questão do *ser*

O cerne da reflexão heideggeriana é a questão do *ser*, pensado no âmbito da existência, segundo ele: **existir nada mais é que residir na verdade do *ser***. O ponto central de sua preocupação em *Ser e tempo* é, exatamente, discutir o **sentido do *ser***.

334

Toda a tradição metafísica filosófica procurava elucidar a questão do *ente* através do *ser*, de forma que o *ser* tornava-se assim um fundamento (inicialmente para os gregos antigos e ademais em toda a tradição metafísica filosófica, o *ser* é). A tradição mantinha-se de modo a entificar, por assim dizer, o *ser*, o *ser* era fundamento. Ao passo que Heidegger sustenta que só se é possível pensar o *ser* através do *Dasein*, assim pensando o modo de *ser* do homem, cujo sentido é ser-aí, estar no mundo. De modo que, em Heidegger, o *ser* não é, agora este é pensado como possibilidade, não mais como fundamento (virada ontológica – ir ao *ser* pelos *entes* e não o contrário.).

Nas palavras de Heidegger temos que o “*ser* permanece como *ser*, destituído de fundo. Do *ser* permanece o fundamento, isto é como fundamento primeiramente fundamentador, de fora e separado. *Ser*: o sem-fundo”.<sup>7</sup>

A busca pela interpretação do *ser* tem sua origem desde os filósofos clássicos. Para se encontrar uma interpretação a respeito do *ser*, originaram-se certos preconceitos que acabaram por levar ao esquecimento do *ser*. Inicialmente, a concepção de que o *ser* é o conceito mais universal e mais vazio, resistindo a qualquer tentativa de definição. Em seguida, de que o *ser* se articula de maneira conceitual segundo gênero e espécie, sendo que a “universalidade” do *ser* “transcende” toda a universalidade

<sup>5</sup> Deve ser pensado como a clareira que certifica ser e pensar e seu apresentar-se recíproco.

<sup>6</sup> STEIN, 2001, p. 117

<sup>7</sup> HEIDEGGER *apud* MELLO, 2006, P. 115

genérica. Finalmente, de que o *ser* é um conceito evidente por si mesmo, uma vez que em todo conhecimento enunciado ou relacionamento com os *entes* e até mesmo no relacionamento consigo mesmo, faz-se uso de *ser*.

A essa visão Heidegger faz uma crítica, pois tal pensamento causou dificuldades para se fazer um estudo a respeito do *ser*. Como consequência, observou-se o esquecimento do *ser*, o qual Heidegger propõe resgatar.

Como a problemática se insere justamente na questão do sentido do *ser*, Heidegger esclarece que o *Dasein*, *ente* que somos, possibilita pensarmos o sentido do *ser*. Desse modo, quando o pensamos, há uma relação circular entre o pensado e o pensante, entre quem interroga (*ente* que somos) e o *ser* interrogado. Com isso:

“pode-se dizer que o *Dasein* é o ente que compreende o *ser*, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de *ser* ou de não *ser* si mesmo, com a qual está concernido. Se o *Dasein* é um ente, é um ente que põe em jogo o seu próprio *ser*.”<sup>8</sup>

Em *Ser e tempo*, fica claro que, para Heidegger, existir é interpretar-se, e este é questionar-se a todo instante, isso só torna-se possível por sermos *Dasein*. Os outros *entes* que habitam este mundo, os seres circundantes, são chamados por ele de seres intramundanos. O *Dasein* é aquele que, em virtude do seu próprio *ser*, tem a possibilidade de questionar. A essência do *ser-aí* é sua existência.

Segundo Heidegger, não há sujeito sem mundo, assim como não há homem sem *Dasein*. Estamos inseridos no mundo, de certa forma, fomos jogados no mundo, por isso para ele o *Dasein* é um *ser-no-mundo* (hermenêutica da faticidade). Como estamos enxertados no mundo, a existência não é só minha, há também a existência de um outro (*ser-em-comum*), *ser-no-mundo* se refere também a *ser* com os outros. Segundo Heidegger:

“este *ser* lançado é correlativo ao projeto estadeado no compreender, que integra o conceito mesmo de existência, inseparável de seu poder-*ser*, e a cada momento de existência traz compreensão de nós mesmos e do mundo. Projetar é interpretar-nos, a nós, aos outros e ao mundo”.<sup>9</sup>

Heidegger clarifica que a interpretação é, indubitavelmente, o compreender adequados das possibilidades de projeção do poder-*ser*. O *Dasein* se vê como poder-*ser*. Segundo ele, a morte é o fim como possibilidade da impossibilidade. “Estamos diante do não *ser* como essência da existência”.<sup>10</sup> O poder-*ser* nos leva à finitude, existimos finitamente.

Em *Ser e tempo*, Heidegger elucida a questão do *ser*: O *ser* é *vir-à-presença*. Para o *Dasein*, o *ser* é aquilo que mostra e clarifica sem se mostrar. Nesse desvelamento, o *ser* não é, mas acontece um ‘dar-se’.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, 2002, p. 13

<sup>9</sup> HEIDEGGER, 2002, p. 18

<sup>10</sup> HEIDEGGER, 2002, p. 22



## Círculo hermenêutico

Expressão que aparece frequentemente na discussão hermenêutica atual, quer no âmbito filosófico quer no âmbito teológico. Refere à lógica interna da compreensão hermenêutica, isto é, à regra segundo a qual é necessário compreender o todo de um texto a partir das suas partes e estas a partir do todo. De acordo com Gadamer, esta é uma regra cuja origem remonta à antiga retórica e que penetrou na hermenêutica moderna através da problemática protestante das condições de legibilidade e inteligibilidade do texto bíblico. A esta ideia de círculo hermenêutico subjaz, de fato, a apropriação hermenêutica moderna da retórica clássica e com ela um pressuposto que devemos caracterizar do seguinte modo: compreender um texto é, antes de mais nada, poder-ser por ele interpelado, de tal modo que uma antecipação de sentido conduz sempre à nossa compreensão. Interpretar não é partir de um grau zero mas, pelo contrário, de uma pré-compreensão que envolve a nossa própria relação com o todo do texto, embora apenas se torne compreensão explícita quando, por sua vez, as partes que se definem a partir do todo definem este mesmo todo.

O processo de compreensão distingue-se de outros processos intelectivos, nomeadamente do explicativo, porque parte de um efeito da palavra (narração), procede segundo um movimento circular, aquele que vai da pré-compreensão do todo à compreensão das partes e da compreensão destas até ao sentido do todo. A compreensão hermenêutica alcança a sua justeza quando o seu primeiro critério é a concordância de todos os detalhes com o todo e isto significa que a falta de congruência acarreta necessariamente o fracasso da compreensão.

Devolver ao texto o acento justo sempre foi a missão da hermenêutica, que nunca pretendeu confundir a sua tarefa com a de uma pura detecção lógico-técnica do sentido, prescindindo de toda a verdade do dito. Daí todo o seu esforço em alargar, segundo o modelo de círculos concêntricos, a unidade do sentido compreendido, num vaivém contínuo do todo à parte e da parte ao todo, isto é, retificando sempre que é necessário a expectativa com que começa. O círculo hermenêutico distingue-se, assim, pela sua origem retórica do círculo vicioso em sentido lógico.

Será com Heidegger que a problemática hermenêutica do círculo da compreensão adquirirá todo um novo e importante significado, aquele que ainda hoje lhe damos.

Em *Ser e tempo*, o autor retoma a temática do círculo hermenêutico, reconhecendo expressamente nela não só a lei fundamental da compreensão hermenêutica como a estrutura básica de toda a possibilidade humana de intelecção. Quer isto dizer que, enquanto a teoria hermenêutica do séc. XIX detectava no círculo a estrutura da compreensão histórica e literária, concebendo-a sempre no quadro da relação formal entre a parte e o todo do texto e o seu reflexo subjetivo (a antecipação intuitiva do todo a que se segue a explicitação do detalhe), para Heidegger a estrutura circular da compreensão hermenêutica não pode, de maneira nenhuma, desembocar num ato puramente psicológico ou adivinhatório, que permita um acesso direto ao autor e a partir do qual se atinja uma plena



interpela), que o próprio presente ajuda a reconfigurar de um modo novo, segundo um processo histórico de contínua formação. A antecipação da perfeição, que guia a nossa compreensão, não é também neste caso apenas uma expectativa formal – que pressupõe ser inerente ao texto uma unidade de sentido, que orienta a compreensão do leitor – mas está fundamentalmente determinada por expectativas de conteúdo. Pressupõe-se, antes de mais o seguinte: o texto fala verdade, pode dizer-nos algo de válido, entende mais do assunto que nos levou à leitura, do que nós próprios. O que significa, em última análise, que só quem tem uma pré-compreensão do assunto tratado no texto efetua, de fato, a sua leitura. Só quem confia no valor dos textos, porque tem expectativas marcadas pela abertura à alteridade (e não apenas pela imanência estreita da sua perspectiva singular), pode ser interpelado pela palavra e interpretar. A pré-compreensão, que deriva do ter que ver com o assunto abordado pelo texto, é assim a primeira de todas as condições hermenêuticas.

## A hermenêutica heideggeriana

Para Heidegger, existir é interpretar. Somos, enquanto ser-aí, interpretação e pertencer ao ser é o mesmo que compreender o ser. Essa compreensão que temos, *a priori*, do ser, Heidegger chama de ontologia fundamental. O sentido do ser para a ontologia fundamental não é algo dado, ela denota a recuperação da pergunta pelo ser esquecida pela tradição metafísica.

O homem só compreende porque já é pertencente ao ser, o ser o constitui. O *Dasein* é o único ente capaz de questionar, dialogar e assim ele se faz capaz de interpretar. Dessa forma, qualquer intuito e tentativa de interpretação deve estar mediada pela presença do ser (ser-aí). Daí o significado do termo *Dasein*, Heidegger o designa como sendo o lugar de manifestação do ser, onde a questão do ser surge (um ser no ser).

Se o *Dasein* é o único capaz de compreender é, exatamente por este ser marcado pela possibilidade do vir-a-ser, seu modo de ser no mundo, obviamente, é pura possibilidade.

“O ser humano nunca pode dar-se a si mesmo um estatuto legitimador de sua possibilidade como efetividade. Ele é possibilidade como Heidegger o quer enquanto temporalidade em que predomina a futuridade, o poder-ser e não uma essência acabada. A fenomenologia hermenêutica quer se adequar como método a esse modo de ser determinado pelo modo de conhecer. A substância do homem é sua essência.”<sup>14</sup>

Heidegger compreende a circularidade hermenêutica como compreensão do *Dasein* e compreensão do ser que se articulam concomitantemente. Esse círculo da compreensão remete à pergunta primeira: a questão do sentido do ser (a interpretação do quem do *Dasein* e o sentido do ser são circundantes).

<sup>14</sup> STEIN, 2000, p. 101

